



ESCOLÁPIOS - BRASIL

PEDAGOGIA

DE

SÃO JOSÉ DE CALASANZ

Congregação Geral
1995

INTRODUÇÃO

São José de Calasanz, Fundador das Escolas Pias, é um inspirador da educação cristã para os nossos dias, pois possuía uma visão e prática modernas da escola, de uma grande atualidade para nós. Defendeu com paixão o valor da educação, considerando-a como a mais digna, nobre, necessária, importante e útil dentre as diversas atividades humanas. Conhecer a vida e a missão realizada por ele é para nós de grande utilidade, pois nos desafia a mergulhar nas motivações profundas, teóricas e práticas, científicas e vocacionais da ação escolar. Com ele, sempre aprendemos a ser educadores mais fecundos e perseverantes, esperançosos e pacientes, convictos e empenhados.



O texto que segue foi elaborado pela Congregação Geral das Escolas Pias, no ano de 1995, com a intenção de animar os educadores nessa bela missão que encontra, hoje, desafios imensos, que a tornam, se cabe, ainda mais urgente e necessária. A você, envolvido no mundo da educação, é dedicado o texto que segue, para despertar e alimentar a sua fé e amor em favor da escola.

Equipe Pastoral do Colégio Ibituruna, dezembro de 2014.

“Na vida de S. José de Calasanz (1557-1648), sua experiência espiritual e sua experiência pedagógica estão totalmente unidas. Esta integração dinâmica constitui uma das notas mais características de sua identidade pessoal. Calasanz era dotado de uma grande personalidade humana e viveu algumas circunstâncias históricas nas quais percebeu a vontade de Deus. O nosso santo respondeu livre e generosamente, percorrendo um longo caminho de identificação com Cristo e de compromisso com o Evangelho. O itinerário espiritual e pedagógico de Calasanz foi pessoal, mas, como fundador de um novo instituto eclesial (as Escolas Pias), serviu e serve a outros para viver o Evangelho de maneira semelhante a como ele viveu, compartilhando um mesmo carisma recebido do Espírito. São José de Calasanz é assim pai espiritual daqueles que descobrem, na experiência espiritual e pedagógica dele, um exemplo a seguir, e como discípulos de Jesus aprendem, nos seus ensinamentos, a configurar e unificar sua vida. Esta aproximação à visão global da espiritualidade e pedagogia calasãncias, que agora se publica, procura apresentar o essencial do caminho espiritual e pedagógico de S. José de Calasanz.” (Congregação Geral das Escolas Pias, ano de 1995).

PEDAGOGIA ESPIRITUAL DE SÃO JOSÉ DE CALASANZ

Geralmente, chamamos pedagogia à atividade e a reflexão que se ocupam da educação e do ensino. Nesta síntese, apresentamos a pedagogia de Calasanz em duas partes. Na primeira, se explica o nascimento e a evolução da sua vocação educativa e pedagógica. Esta nasceu da sua experiência espiritual estimulada pelas carências na piedade e nas letras que observou nos meninos das classes populares e pelo convencimento cada vez mais firme de que a educação integral deles constituía a base da verdadeira reforma. Na segunda parte, pretende-se sistematizar o seu ensino pedagógico global sublinhando a originalidade de muitas de suas contribuições. Como conclusão, apresentam-se os traços mais significativos de sua pedagogia espiritual.

1. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE SÃO JOSÉ DE CALASANZ

1.1. Antes da fundação das Escolas Pias

A pedagogia espiritual de Calasanz que se desenvolveu nos seus anos romanos teve raízes, sem dúvida, na sua experiência pessoal anterior, sobretudo, na esmerada educação recebida: na sua família, no colégio dos Padres Trinitários, nas Universidades de Lérida, Valência, Alcalá de Henares, de novo em Lérida e, possivelmente, em Barcelona.

Por outro lado, em seu intenso trabalho sacerdotal, aparecem alguns indícios do que será a sua futura missão como criador da primeira Ordem religiosa dedicada exclusivamente à educação de meninos e jovens. Podemos mencionar entre estes, a sua atuação estudantil como “conseller” em Lérida, sua função de “ajudante de estudo” em Barbastro, seu interesse por formar seu servente em La Seu, sua amizade com Gervás de las Eras¹, promotor da fundação de colégios na sua diocese de Urgell para conseguir a desejada reforma. Já em Roma, Calasanz foi preceptor dos sobrinhos do cardeal Colonna² e pertenceu a diversas confrarias que pretendiam melhorar as condições espirituais e materiais do povo.



1.2. Fundação das Escolas Pias

O contato com a pobreza real do povo e a sua própria evolução espiritual fizeram-lhe descobrir um modo novo e fundamental para realizar a reforma a partir da base: a educação das classes populares. Calasanz chegou ao mundo da educação sem ser educador. Esse fato, aparentemente paradoxal, marcou definitivamente a orientação que deu à sua obra educativa, concebida como um meio operativo de reforma da Igreja e da sociedade. Desde o início, quis educar não com uma finalidade simplesmente instrutiva, mas buscando um objetivo mais amplo, social e pastoral. Escreveu mais tarde nas suas Constituições que a finalidade que pretende nossa Congregação por meio do exercício das Escolas Pias é a educação dos meninos, tanto na piedade cristã quanto nas letras humanas, para conseguir assim a reforma

1 Sacerdote de Urgell, visitador conjuntamente com Calasanz de algumas regiões da diocese.

2 Marco Antônio Colonna. No seu palácio, morou Calasanz os primeiros anos de sua estadia em Roma.

da sociedade cristã e a felicidade temporal e eterna das pessoas (cfr. CC 2, 175, 203).

José de Calasanz centralizou sua atenção e compaixão nos meninos. Constatou a sua ignorância religiosa, apesar do trabalho catequético que se desenvolvia nas igrejas romanas. Constatou do mesmo modo, que, salvo algumas exceções, os poucos alunos escolarizados dos bairros de Roma deviam pagar, e os muito pobres não podiam fazê-lo. Daí o analfabetismo e todas as misérias próprias dos meninos, soltos e ociosos todo o dia, numa cidade como a Roma do final do século XVI. Tudo isso, unido à decepção sofrida nas suas aspirações canônicas, deu como resultado uma virada profunda. Da pastoral tradicional centralizada na igreja, passou a uma pastoral nova que se focalizava na escola como núcleo de uma reforma global da sociedade cristã do seu tempo.

Tradicionalmente, considera-se o ano 1597 como o ano do começo da obra das Escolas Pias, ao iniciar o santo sua colaboração na escolinha paroquial de Santa Doroteia, no Trastévere. Pretendeu transformá-la dando-lhe um caráter mais social em favor dos pobres; isso foi conseguido quando mudou a escola para o interior de Roma em 1600. A Congregação da Doutrina Cristã não quis assumi-la como própria e Calasanz se responsabilizou pela mesma, dando-lhe o nome de Escolas Pias, isto é, escolas populares e cristãs (SJC, p.415, n.1).

Dois fatos posteriores contribuíram a configurar mais precisamente a obra: a aprovação por Clemente VIII, em 1602, da Congregação (ou Associação) das Escolas Pias e a decisão tomada, em 1604, pelos membros dessa Congregação de viver em comum para dedicar-se àquelas escolas gratuitas. Desde então, intensificou-se o ambiente espiritual do grupo liderado por Calasanz, dando à convivência um matiz muito similar a uma comunidade de vida apostólica. As escolas que primeiro ocuparam o palácio Vestri mudaram para o palácio Mannini, mais amplo e, finalmente em 1612, para o palácio Torres, comprado pelos membros da Congregação. Esse palácio será depois a sede geral da futura Ordem, a casa de São Pantaleão.

Nesses primeiros anos, as escolas se mantinham com as esmolas obtidas, mendigando em Roma, com o dinheiro de Calasanz e com as contribuições dos Papas, Cardeais e outros benfeitores. Um reflexo da experiência de Calasanz, nesse período, são seus escritos de conteúdo pedagógico: *“Normas que observarão os operários”* (ano 1604; cfr. SL, p.97-99) e, sobretudo, o *“Breve relatório do modo usado nas Escolas Pias para ensinar os alunos pobres, que ordinariamente são mais de setecentos, não só as letras, mas também, o santo temor de Deus”* (ano 1604?; cfr. SL., p.125-135), documento importante na história da pedagogia europeia, com razão conhecido como *“documentum princeps”* ou *carta magna da pedagogia calasância*.

1.3. Período de consolidação das Escolas Pias

A idade relativamente avançada de Calasanz e a precária solidez dos vínculos que mantinham unidos os seus companheiros não davam esperanças firmes de continuidade para a obra. Era necessário e urgente encontrar uma solução satisfatória. Em 1614, realizava-se a união das Escolas Pias com a Congregação de Luca³, sob o novo nome de Congregação da Mãe de Deus. Calasanz continuaria exercendo o cargo de Prefeito ou Diretor das escolas; ele e seus companheiros seguiriam vivendo com as Regras que tinham; aqueles que fossem admitidos no futuro deveriam professar as Regras dos religiosos luqueses, e estes se comprometeriam a tomar as escolas como o seu ministério principal.

³ Com esse nome, por ter nascido nessa cidade da Itália. Fundada por S. João Leonardi. Posteriormente, ao separarem-se as duas Instituições, chegou a ser a Ordem da Mãe de Deus.

A união com a Congregação Luquesa não prosperou. E, no dia 6 de março de 1617, o Papa Paulo V assinava o breve da fundação da Congregação Paulina dos Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias, com Calasanz como Superior Geral e prefeito das escolas. Daí em diante, Calasanz viverá ocupado no desenvolvimento de uma Ordem religiosa e de uma escola nova com características singulares. Em novembro de 1621, o Papa Gregório XV aprovou o Instituto das Escolas Pias como ordem religiosa de clérigos regulares e, em janeiro do ano seguinte, aprovaram-se as Constituições redigidas por Calasanz em Narni.

Começou então uma expansão da obra pelos diferentes estados italianos e mais adiante, por distintas nações de Centro-europa. Houve uma tentativa, mal sucedida, naquele momento, de introduzi-la na Espanha. Desde seu minúsculo quarto de S. Pantaleo, Calasanz dirigirá, uma por uma, todas as novas fundações e manterá as rédeas do governo da Ordem com uma inteireza e minuciosidade extremas. Para esse fim, ele se serviu da correspondência epistolar, muito abundante nesse período da sua vida e, sobretudo, no seguinte. Escreveu entre dez mil e doze mil cartas aproximadamente. Até agora foram publicadas cerca de cinco mil, todas as cartas conhecidas, que chegam a ser um tratado de organização escolar e pedagógica, não sistemático, mas sólido e vital.

O processo de consolidação e de configuração jurídica das Escolas Pias obrigou Calasanz, nesse período, a expressar por escrito, de maneira mais refletida, suas convicções pedagógicas e a necessidade de que a nova congregação religiosa assumisse como dedicação característica a educação dos meninos. Neste sentido são importantes os memoriais a Paulo V e a vários cardeais, escritos ambos em 1615, e especialmente as Constituições terminadas em 1621 e o memorial ao cardeal Tonti, do mesmo ano, documentos estes que constituem a expressão escrita mais clara da experiência pedagógica de Calasanz. De conteúdo mais diretamente organizativo são os Regulamentos que escreveu para diversos colégios (Frascati, Nazareno, Campi Salentina, Florência).

1.4. Período de crise da instituição escolápia

Calasanz tinha manifestado o seu desejo de deixar de ser Superior Geral e de se retirar a Nápoles, mas depois do capítulo geral não canônico de 1631, foi confirmado pelo Papa como Superior Geral vitalício. Nessa reunião, decidiram-se três coisas importantes para o futuro: não abrir casas sem a licença do Papa, concentrar todos os noviços em Roma e iniciar uma casa de estudos para os jovens escolápios, tudo isso com o fim de conseguir a qualificação da educação nos colégios. A Ordem tinha naquele momento 300 religiosos e 23 casas. O mesmo Urbano VIII, que o havia nomeado Superior Geral vitalício, o tirará do cargo onze anos depois, em janeiro de 1643. Foram onze anos de crescente expansão, no final dos quais estariam abertas 17 escolas a mais, e muitos outros pedidos não puderam ser atendidos, por falta de pessoal, mesmo que a Ordem já tivesse quase 500 religiosos. Mas, foram também anos de problemas enormes, criados no interior da Ordem pelos inobservantes e seus memoriais, os clérigos operários e alguns irmãos, os reclamantes, os escolápios Sozzi e Cherubini⁴, e desde fora por Pietrasanta⁵, Mons. Albizzi⁶ e o Santo Ofício e os jesuítas que se opunham ao ensino de graus superiores (língua e literatura latinas).

Alguns de fora e outros de dentro provocaram essa crise institucional da obra fun-

4 Colaborador de Sozzi e, na morte deste, Vigário Geral das Escolas Pias.

5 Silvestre Pietrasanta, jesuíta, nomeado pelo Papa visitador das Escolas Pias.

6 Francisco Albizzi, Assessor do Santo Ofício e posteriormente cardeal.

dada por Calasanz. O santo viveu então um calvário até a sua morte ocorrida em 1648: dívidas, pobreza, cansaço, sustento das escolas, apoio aos religiosos fiéis, defesa contra os opositores dentro e fora da Ordem, brigas internas... O seu martírio culminou com a chamada redução da Ordem à Congregação sem votos, decretada por Inocêncio X, dois anos antes de morrer Calasanz, ancião e esgotado. Mas, nada rompeu sua fidelidade à Igreja, seu amor aos meninos e sua esperança em Deus e na intercessão de Maria: *“Apesar de tudo que se fala da nossa Ordem, deveis saber que o Senhor a protegerá sempre e andará de bem a melhor, com a condição de que ponhamos a diligência que devemos em educar os meninos, particularmente os pobres, no santo temor de Deus.”* (EP c.839).

A experiência difícil desses últimos anos levou Calasanz a esclarecer e a defender com firmeza o ministério próprio das Escolas Pias em favor dos meninos, em escritos como as “Declarações sobre as Constituições” (1637) e em vários Memoriais, especialmente o que foi dirigido ao cardeal Roma (1645). Também nesse período, escreveu outros Regulamentos para alguns colégios (Nikolsburg, Nápoles, Litomysl).

1.5. Com suas próprias palavras

Se quiséssemos mostrar, com palavras do próprio Calasanz, sua experiência pedagógica, bastariam estes textos:

- *“Quanto ao começo das escolas, eu me encontrei com outros dois ou três da Doutrina Cristã (confraria) que iam ao Trastévere dar aula em certas escolas que se faziam em Santa Doroteia, nas quais, como grande parte dos alunos pagava um tanto por mês, e dos companheiros havia quem vinha pela manhã e quem vinha pela tarde, ao morrer o vigário que nos emprestava uma sala pequena e um quarto no andar térreo, decidi levá-las a Roma, conhecendo a grande pobreza que havia, por ter eu visitado, seis ou sete anos, todos os bairros de Roma, sendo da Confraria dos Santos Apóstolos, e dos companheiros que tinha no Trastévere, um só me seguiu, e foi posto em Roma o instituto, que pouco a pouco se fez Congregação e depois Religião (Congreg. Religiosa).”* (EP.c.4185).

- *“Eu suporto tudo com paciência, resolvido a morrer antes que abandonar a empresa.”* (EP.c.1148).

- *“Estou aqui com tantos trabalhos e perturbações, que não tenho tempo de realizar a metade dos assuntos.”* (EP.c.202).

- *“Desejo que essa casa esteja bem atendida, não só por ser a primeira na qual eu pessoalmente trabalhei, mas também por ter maior número de alunos e estar situada num lugar onde a pobreza é maior, à qual nós, segundo o nosso ministério, devemos servir e ajudar com todas as nossas forças.”* (EP.c.1214).

- *“Eu me compadeço pela vossa prolongada doença e desejaria poder consolar-vos mais com atos do que com palavras. Mas, a necessidade da nossa pobre casa de Roma não me permite fazê-lo, por não ter nada para vos enviar.”* (EP.c.2055).

- *“Ocupei-me sempre com diversas coisas e aprendi a escrever perfeitamente e também muitas partes da aritmética, para poder ensiná-las aos nossos. Em caso de necessidade, tomei conta das aulas de caligrafia e de aritmética, de leitura e de gramática, quando*

aparecia a ocasião por doença de algum mestre ou por acidente. E não perdi por isso nada da dignidade do sacerdócio nem a reputação do cargo.” (EP.c.3672).

- “Mande a quem tem talento para a caligrafia e a aritmética que as aprenda, ainda que seja clérigo. Eu, por tê-lo estudado, não perdi nada do meu sacerdócio, que é a maior dignidade que pude conseguir.” (EP.c.2162).

- “No início da obra, por muitos anos, eu fazia todos as tarefas mais vis e baixas da casa, até que vieram operários e me ajudaram.” (EP.c.1892).

- “Não só lavava os pratos, trabalhando tanto quanto os que dão aula, mas fui também pedir pão com os alforjes nos ombros por Roma e acompanhar os alunos às suas casas. E estou disposto a repeti-lo agora.” (EP. c.2757).

- “Inúmeras vezes desejei, antes ser porteiro ou enfermeiro em qualquer casa, do que ter o cargo que tenho. E Deus é testemunha de que é assim.” (EP.c.1516).

- “Passando eu de oitenta anos, vou muitas vezes ajudar numa sala ou em outra. E assim deveria fazer todo superior, ainda que não fizesse mais do que tomar a lição de dez ou doze alunos cada vez, passando por diversas salas.” (EP.c.3036).

- “Eu mesmo, velho como estou, vou muitas vezes a ajudar nas salas.” (EP.c.4204).

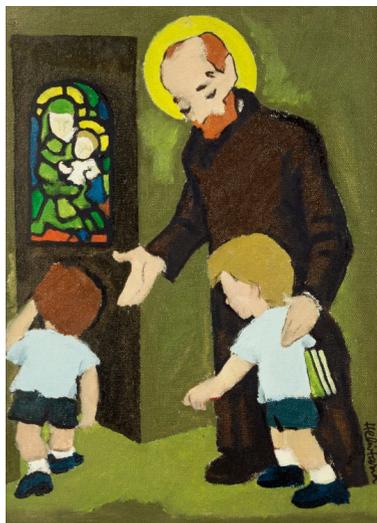
- “Ofereceram-me casa e igreja em Praga e em mais outros dez lugares... Se eu tivesse agora dez mil religiosos, poderia em um mês distribuí-los em todos aqueles lugares que nos pediram com grandíssima insistência. De maneira que nossa Religião (Ordem) não é como muitas outras, que procuram entrar nas cidades de diversas maneiras. Porque a nossa é buscada e procurada por muitos senhores cardeais, bispos, prelados, grandes senhores e cidades principais, como posso provar com muitas cartas.” (EP.c.2027).

1.6. Contribuições pedagógicas nascidas da sua experiência

- No campo da literatura pedagógica

Calasanz não foi um teórico da educação, mas deixou escrito seu pensamento nas *Constituições das Escolas Pias*, em vários Memoriais em defesa da educação dos pobres, uma *Breve Relação* sobre o modo como se realizava o ensino em suas escolas e vários *Regulamentos* de alunos e congregações marianas (SL.p.321-360).

Mas, o mais prático do seu pensamento pedagógico são suas cartas. Contêm multidão de normas e sugestões pedagógicas brotadas da experiência pessoal e do diálogo com seus companheiros. Compôs também um *Catecismo* para os pequeninos, uma *Coroa das doze estrelas*, oração cheia de conteúdo pedagógico em honra de Maria (cfr. EP.c.755b) e um *Relógio da Paixão de Cristo* (SL.p.100-109, 243-245). Foi



inspirador de cinco importantes obras escritas por amigos seus em favor das Escolas Pias: *Liber de pia educatione*, do carmelita espanhol Juan de Jesus e Maria (ano 1610); *Libro apologético*, do dominicano italiano Tomás Campanella⁷ (ano 1632?); *Apologia das Escolas Pias*, obra do escolápio F. Castelli⁸ (ano 1645 ?); *Defesa das Escolas Pias*, do advogado F.Firmiani⁹ (ano 1645); *Apologia das Escolas Pias*, do capuchinho V. Magni¹⁰ (ano 1646).

- Na formação do professorado

Foi dele o primeiro ensaio de seleção e de formação do professorado, um pouco sistematizado, como necessidade lógica de preparar os escolápios antes de introduzi-los num colégio. Nas suas Constituições, escreveu: *“Na consecução do fim que pretende nossa Ordem, acreditamos que é indispensável, não só oferecer o exemplo de uma vida segundo o Espírito, mas possuir a doutrina e o método para ensiná-la. Portanto, quando se comprove um sério progresso nas autênticas virtudes por parte daqueles que foram admitidos à profissão, deverá pensar-se em fundamentá-los na ciência e na metodologia do ensino.”* n.203.

- Na organização escolar

Deve-se a Calasanz a primeira tentativa de Escola Graduada. Para L.Von Pastor¹¹, corresponde-lhe também a fundação da primeira escola popular gratuita da Europa. É verdade que, antes de Calasanz, houve teóricos da pedagogia, educadores e estadistas, cordialmente ocupados com o problema da educação, tanto no campo católico como no protestante. Porém, os teóricos não superaram nunca os limites das reflexões piedosas - incluído Lutero e estadistas saxões. As Escolas Pias de Calasanz, ao contrário, cumpriram perfeitamente os três qualificativos de **“universais, gratuitas e obrigatórias”**. Ampliou o programa cultural e intelectual vigente na escola elementar da sua época, encaminhando-a à cultura humanística e dando importância às matérias que abriam o acesso a ofícios remunerados, como as matemáticas, a caligrafia, a música.

- No sistema educativo

Iniciou a prática do **“sistema preventivo”**, cuja teoria foi desenvolvida mais tarde por São João Bosco, que confessava tê-lo visto praticar já no colégio Nazareno de Roma, fundado por Calasanz. A esse mesmo colégio, São João Batista de la Salle enviou o Irmão Brolier em 1708, para informar-se sobre o método escolápio. As cartas de Calasanz estão cheias da recomendação dos sacramentos -penitência e eucaristia- e da oração, como forças preventivas e iluminadoras.

Seu objetivo de educar desde os primeiros anos é a globalização do método preventivo a toda a educação cristã, além do aspecto puramente pedagógico, e constitui o núcleo fundamental da sua argumentação no Memorial ao cardeal Tonti. O santo afirma, nesse documento, que a futura Ordem quer, não somente educar a todos, mas começar a fazê-lo antes que cada um dos educandos perca sua maleabilidade. E por isso, considera o ministério escolápio como fundamento e compêndio de todos os demais, aos quais abre caminho. (cfr. Tonti, n.5,9,10,14,15,24,25,26)

7 Filósofo, autor da célebre obra utópica “A cidade do sol”.

8 Ocupou em repetidas ocasiões os cargos de Provincial e Assistente Geral; escreveu diversos Memoriais em defesa da Ordem.

9 Ilustre letrado romano, cujos serviços solicitou S. José de Calasanz.

10 Valeriano Magni, irmão do conde de Strasnitz, que fundou um colégio de escolápios nesta cidade.

11 Cf. Storia dei Papi, Roma, 1942, vol. XI, pp. 438-440.

- Na didática

Promoveu toda inovação, viesse de onde viesse, defendendo assim o princípio evolutivo de que se siga em cada época a metodologia que os peritos e especialistas na matéria aconselhem como a melhor. Aperfeiçoou o ensino do latim, animando o Padre Apa a publicar a primeira gramática latina escrita em italiano, exemplo que não se repetiu até um século depois: enquanto o protestante João Amós Comenio escrevia em latim seus livros dedicados ao estudo da língua pátria, Calasanz e seus companheiros compunham em língua vernácula a gramática latina. Introduziu o estudo da matemática na educação popular e foi pioneiro nesse aspecto.

- No apostolado pedagógico

Ele criou uma maneira típica de apostolado juvenil, por meio de um sacerdote especializado dentro de cada colégio, “*o confessor dos alunos, que com caridade e benignidade, atraía os corações dos jovens a Deus.*” (CC 193). Calasanz foi o primeiro fundador de uma Ordem religiosa especificamente dedicada ao ensino. Beneditinos, dominicanos e jesuítas, entre outros, ocuparam-se em ensinar os meninos, mas nenhuma dessas Ordens foi fundada com essa finalidade específica, de educar os meninos e preferentemente os pobres. Concebeu sua escola como uma síntese de fé-cultura-vida, animada por autênticos educadores cristãos tanto por sua vida como por seu compromisso.

- No social e político

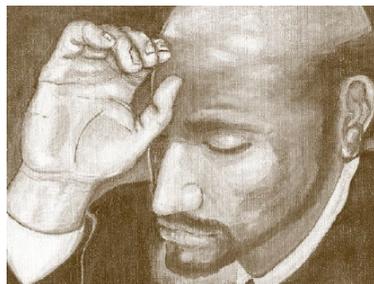
A obra de Calasanz preparou a emancipação das classes populares no social e político. Emancipação que vai ligada à sua instrução e educação. A fundação das Escolas Pias contribuiu também para a consolidação prática e para a validação histórica dos direitos da Igreja no campo da educação, num tempo em que os protestantes consignaram, de modo absoluto e sem reservas, as escolas às autoridades civis e à veleidade do Estado (MRE,p.23-28).

1.7. A modo de resumo

Podemos concluir esse capítulo sobre a experiência pedagógica de Calasanz afirmando que o Santo foi mestre de crianças e religiosos, deu aula diariamente durante quinze anos, organizou e dirigiu as Escolas Pias de São Pantaleão até a sua morte; interveio pessoalmente na criação e primeiros passos de Frascati e Nápoles e, através de suas cartas, em todas as demais. Sua atenção aos religiosos jovens e adultos abarcou a esfera espiritual e a dimensão pedagógico-didática; para eles escreveu regras claras de aritmética, problemas de matemática para seus alunos; corrigiu as composições dos seminaristas escolápios, propôs-lhes temas concretos de composição e lhes ensinou a maneira de corrigir as composições dos alunos. Proporcionou-lhes livros e os melhores mestres, ainda que alguns deles tivessem dificuldades com instituições católicas, como Galileo Galilei, Tomas Campanella etc. Animou os seus mestres a seguir o melhor método, o mais fácil, claro e breve, sempre aberto ao melhor; e inclusive incentivou para que eles descobrissem novos métodos. Foi um bom catequista, confessor de adultos e crianças, pregador e diretor espiritual de leigos e religiosos. Morreu como Cristo, aparentemente fracassado, mas também no seu caso, segundo a promessa do Senhor, da morte nasceu uma nova vida.

2. ENSINO PEDAGÓGICO DE SÃO JOSÉ DE CALASANZ

O ensino pedagógico global de Calasanz, fruto da sua própria experiência, centraliza-se antes de tudo, nos agentes da educação (alunos, educadores, pais de alunos, ambiente) e desenvolve-se dinamicamente na atividade educativa (educação integral de piedade e letras, escola por níveis e estruturas organizativas). Tudo isso se resume ordenadamente nos seguintes pontos.



2.1. O aluno

- Retrato descritivo

Calasanz concebe o menino como um ser - filho de Deus, explicitamente - que, desde cedo, é capaz de desenvolver sua personalidade humana e sua vida sobrenatural, se, com tanto mais afeto quanto menor for sua idade, se lhe oferecem uma instrução e uma educação integral na piedade e nas letras (cfr. Tonti n.5, 9-12, 25-26). O aluno é o Cristo a quem o educador serve (cfr. EP c.3041) e sua pobreza não é impedimento, não deve sê-lo, para chegar ao campo íntegro do saber, sem limite algum.

- Pobreza e gratuidade

Num primeiro momento, Calasanz atendeu exclusivamente os pobres, exigindo dos alunos o “atestado de pobreza” (documento) assinada pelo pároco ou, no caso de nobres empobrecidos, pelo confessor ou por outra pessoa digna de fé. Mais tarde, particularmente depois de 1617, ainda afirmando que sua escola “é mais para os pobres que para os ricos” (EP. c.2434), acolheu igualmente pobres e ricos (de pagamento), tendo ambos igual necessidade de piedade e letras.

Depois de receber muitos pedidos de seus religiosos e de estranhos, permitiu por fim, em 1638, que, em Florência, se abrisse a chamada “Escola de Nobres”, a serviço exclusivo dos mesmos, ainda que a gratuidade do ensino -ao menos formalmente- foi também aqui rigorosamente observada. Essa gratuidade não teria bastado a muitos pobres que, sem recurso econômico, não teriam podido frequentar as Escolas Pias. Calasanz lhes deu papel, caneta, tinta, livros e, não poucas vezes, roupa e alimentos inclusive. Aos que não tinham em suas casas condições para fazer os trabalhos escolares e aos que vinham de lugares distantes, lhes permitia ficar, depois do almoço, recolhidos numa sala, sob a vigilância de um religioso, e ali estudar até o começo das aulas da tarde (SJC p.383-392).

O “*praecipue pauperes*”, referido aos meninos, é um eixo transversal na temática de Calasanz (Constituições, cartas e memoriais).

- Idade mínima e máxima

Instruir as “criancinhas”, como Calasanz as chamava, foi um gesto de importância social, porque atendia a parte mais pobre, mais numerosa e mais abandonada da população, ao mesmo tempo que a mais susceptível de ajuda e remédio (cfr. CC, 2). Exigia que tivessem no mínimo seis anos, mesmo que os seus próprios religiosos o pressionassem, porque entendiam que a educação nessa idade era coisa totalmente “de mulheres”.

Com respeito aos maiores, não quis admiti-los se já tinham ultrapassado os dezesseis

anos e se via neles algo suspeito; ou os aceitou somente a prova e depois de uma prévia confissão geral. No caso dos internatos, reduziu a idade a 14 ou 15 anos no máximo. Além disso quis que os maiores estivessem sempre separados dos pequenos (cfr. EP, c.2236).

- Número de alunos por sala

Calasanz viu claramente que só com um número muito limitado de educandos por sala pode-se obter bom resultado, tanto na parte informativa como na educação. Por isso quis, não obstante a escassez de mestres de que dispunha, que nenhuma turma tivesse mais de cinquenta alunos, chegando a sessenta unicamente em casos extraordinários (cfr. EP, c. 3022). O critério social estava acima do pedagógico na prática. O coração de pai vencia a mente do pedagogo.

- Externos e internos

Fiel às Constituições que elaborou para sua Ordem, Calasanz não foi a favor de colocar seus religiosos no cuidado dos internatos e seminários (cfr. CC, 184). Durante a sua vida, funcionaram só dois internatos: o Nazareno de Roma e o Lauretano de Nikolsburg. Em ambos, procurou, diante de tudo, a cuidadosa seleção dos alunos, exigindo que fossem de família honesta, de boa saúde, de bom talento e de costumes provados. Os Regulamentos que escreveu para eles refletem uma educação com algum rigor ascético, não muito diferente dos Colégios Maiores da época.

- Sua participação na educação

Calasanz admite, em determinados casos, a participação decisória dos alunos em aspectos educativos, didáticos e disciplinares, através dos “decuriões, imperadores e academias”. Os alunos decuriões contribuíam em alto grau ao trabalho dos educadores, particularmente no disciplinar, mas às vezes também no didático. Escolhidos com a aprovação dos companheiros e de seus mestres, ajudavam o Prefeito na disciplina: controle das ausências e vigilância em atos comuns; ajudavam os mestres controlando o cumprimento dos deveres cotidianos de seus colegas e tomando-lhes as lições do dia anterior (SJC, p.320-321). Havia dois tipos de aluno imperador: o primeiro reinava uma semana e o segundo, um curso inteiro. Podia pedir para seus companheiros em determinado número de casos a anistia de alguns pequenos castigos (cfr. EP, c. 1425). Com suas sessões mensais, as academias exercitavam a composição literária, em prosa e verso, e promoviam a participação ativa na cultura humanística (cfr. EP, c. 1983).

- Alunos católicos e não católicos

A mente ampla e o coração aberto de Calasanz o levaram, não somente a tratar com personalidades, nos “encontros” que tiveram como o Santo Ofício (Galileu, Campanella, Scioppio), mas também a admitir em Roma, em tempos da Reforma, alunos judeus, comprometendo-se a respeitar sua fé sem fazer proselitismo; e na Alemanha luterana, a meninos protestantes, sem fazer a mínima pressão para convertê-los (SJC, p.618).

2.2. O educador

- Perfil

Calasanz tinha, talvez como nenhum outro antes dele, um conceito tão alto do educador, e particularmente do mestre elementar, que o considerava um missionário da verdade

que, espalhando a luz, dissipa as trevas da ignorância e ajuda os alunos a salvar-se da escravidão intelectual e moral e a alcançar a verdadeira felicidade (cfr. CC. 3-4, 6-7, 203). Ele sustentava que o bom educador nasce e se faz. Daí que exigisse seleção diligente e formação solícita. Desejava que determinadas qualidades físicas e psíquicas existissem como pré-requisito no futuro educador: bom gênio, boa índole, bons costumes, boa saúde de corpo e espírito. E lhes proporcionava uma exemplar vida interior, uma cultura suficiente, atitudes pedagógicas e os melhores métodos de ensino (cfr. EP, c.16).

- Cooperador da Verdade

Calasanz definiu o educador como “cooperador da Verdade” (CC, 3), porque entendeu sempre que a causa primeira é Deus, a Verdade. E porque entendeu que para educar e reformar o interior dos meninos e jovens se necessitassem homens escolhidos por Deus. É, nessa definição, que talvez apareça melhor a implicação da espiritualidade e pedagogia. A sua pedagogia era a da santidade que não podia ser realizada senão por Deus, através do Espírito Santo, como mestre interior e apoiada pela santidade do educador, cuja função devia ser, indiscutivelmente, a de facilitar a ação divina (cfr. Tonti, n.8; SJC, p. 75-76).

- Formação remota e próxima

A atenção que Calasanz punha nos futuros educadores incluía três dimensões: o ser (a pessoa), o saber (conhecimentos) e o saber ensinar (didática e metodologia). De fato, as Constituições, que ele redigiu, convidam a uma formação conscienciosa do futuro educador e dispõem que, depois de uma sólida base espiritual, seja instruído tanto nas letras e ciências humanas, quanto na pedagogia, particularmente na didática e no método de ensinar (cfr. CC, 203-210). Para Calasanz, se não existir previamente uma formação espiritual adequada que atinja o futuro educador como educando permanente, o resto terá valor, mas estará carente da base fundamental.

Com respeito à formação intelectual do educador, mandou que os noviços, depois de aproveitar no âmbito espiritual, estudassem a gramática (latina) e a interpretação dos autores clássicos e aprendessem o método da doutrina cristã, a caligrafia e o ábaco (cfr. CC, 207). Nos anos posteriores, continuavam-se os estudos humanístico-literários e científico-matemáticos, a filosofia, a teologia, música sagrada e profana, a língua vernácula etc. (cfr. CC, 205-206; SJC, p.134-140). Para assegurar-se mais da boa formação dos futuros educadores, introduziu os exames obrigatórios para os mestres antes de começarem seu ofício e cada vez que de uma classe inferior tivessem que passar a outra superior. Desejou que cada um, segundo a sua capacidade e talentos, se aplicasse ao trabalho e apostolado escolar mais adequado ao seu caráter e às suas faculdades intelectuais (cfr. CC, 189-191; EP, c.1226). Quis não somente mestres especializados, mas, por motivos compreensíveis, quis também que as diversas nações tivessem educadores nativos (EP. c.1907). O mestre debutante começava sempre pela classe inferior e tinha a ajuda proporcionada pelo coordenador -que visitava diariamente as salas- além do intercâmbio de experiências pedagógicas que Calasanz pedia nas recreações comunitárias e nas conferências semanais, e com as bibliotecas bem providas das casas (EP.c.1182).

Com respeito à íntima união que devia dar-se no educador entre o estudo e a piedade, quis que os seus estudassem sempre com humildade e que todos os seus estudos fossem acompanhados de um intenso fervor piedoso. Mas, no caso de uma eventual incompatibi-

lidade, devida à debilidade humana, preferiu a virtude ao saber (cfr. CC, 93, 210-211,299-300).

- Renovação

Calasanz queria que, a cada seis ou oito anos, fosse dado um tempo de renovação ao educador, para repor forças, avaliar o vivido até então, conhecer novas realizações no seu campo e retornar à tarefa com maior ânimo (cfr. Memorial aos cardeais Giustiniani, Lancellotti e Soana).

- Espiritualidade

O olhar de um profundo observador da espiritualidade do educador calasâncio percebe que essa espiritualidade se desenvolve em função de uma particular finalidade pedagógica. O exercício da virtude, as práticas comuns de piedade, a vivência dos votos (pobreza, castidade, obediência, educação) lhe servem não só para alcançar maior semelhança com o Senhor, mas também são úteis e indispensáveis para aperfeiçoar seu caráter pedagógico. E vice-versa: toda a atividade pedagógica se converte em poderosíssimo meio de progresso espiritual.

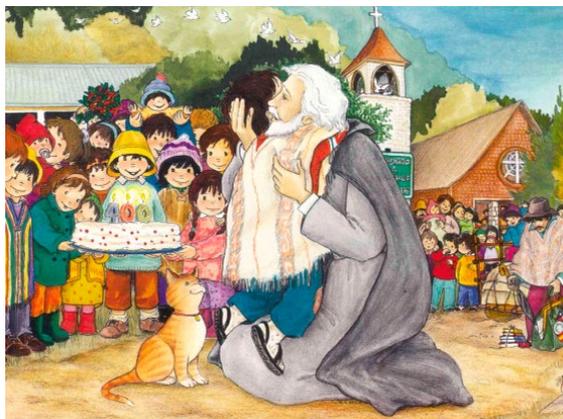
Com certeza, para Calasanz, a principal virtude do educador é o amor a Deus e ao próximo, que se concretiza no amor prático aos alunos, na caridade pedagógica (cfr. CC 6). Ele quer que o amor ao menino - Cristo para o educador- vá sempre acompanhado de uma grande paciência *“para saber servir-se do talento que descobre nos alunos e saber, além disso, pôr remédio nas suas faltas e imperfeições com afeto paternal.”* (EP. c.3721). O educador deve praticar a humildade e a pobreza, não só porque tem de ensinar os primeiros elementos a esses meninos pobres, mas também porque essas virtudes são inerentes à tarefa própria do mestre, que deve adaptar-se continuamente à capacidade dos pequenos.

- Diferentes educadores

Dos diferentes documentos que temos à nossa disposição, se deduz que, segundo as intenções de Calasanz, o pessoal docente de um colégio devia ser o seguinte:

- **O ministro local.** Era o diretor do educandário, tanto do corpo docente quanto dos alunos. Seu cargo durava três anos e podia ser confirmado para um novo triênio (cfr. CC 186-192). Diante de tudo, devia prover a escola do pessoal docente necessário, cuidando especialmente da “seção elementar” e a primeira série de gramática, para melhor atender aos pobres que necessitavam começar a trabalhar logo (cfr. CC.198). Tinha que garantir que, em todas as classes, se ensinasse um único patrimônio intelectual e espiritual e se empregasse um mesmo método de ensino. Calasanz exigiu a homogeneidade não só dentro de cada escola, mas em todos os colégios. Para obter tal uniformidade, o ministro local devia dar por escrito a cada professor o programa a ser desenvolvido, o modo de usá-lo, os livros a serem utilizados e o horário (cfr. CC. 212-216). Devia visitar frequentemente as salas, para alentar, exortar e excluir os mestres incapazes (cfr. CC 190-191). Semanalmente, informava aos Superiores e tinha uma conferência pedagógica na comunidade, na qual estudavam “casos” concretos. Mais de uma vez, Calasanz lhes aconselhava dar alguma aula e, inclusive, que acompanhassem os alunos até as suas casas nas “rotas” (cfr. EP. c.167; SJC p.283-292).
- **O coordenador das escolas.** Seguia imediatamente ao Ministro na organização. Era

seu representante e o que garantia o bom funcionamento das escolas. (cfr. CC 202). Velava pela formação integral dos alunos e pelo cumprimento dos horários, programas e regulamentos. Abria e fechava as escolas. Dele dependiam as inscrições. Depois de um exame prévio, determinava para cada aluno a série que devia frequentar. Presidia as provas de promoção. Visitava com frequência as salas, controlava as ausências, o desenvolvimento dos programas, os textos empregados etc. Entrevistava os pais dos alunos quando o andamento do filho assim o requeria. Os oratórios dominicais, os recreios, as atividades extraescolares, o acompanhamento dos meninos nas “rotas”, a confissão e comunhão mensais, a oração contínua, tudo era organizado e controlado pelo prefeito ou coordenador (SJC p.293-301).



- **O mestre.** A pessoa mais importante no quadro docente. Calasanz queria que fosse erudito, piedoso e cheio de amor às crianças pobres. Antes de exercer definitivamente, devia fazer -ao menos durante três anos- seu treinamento, começando pela série mais baixa até chegar à escola de humanidades. Era submetido a um exame e devia emitir a profissão de fé (cfr. CC. 206-209). Estava na sala antes que chegassem os alunos e não os deixava até desfazer as filas da “rota”. Na sala, na igreja, no oratório dominical, no pátio, pelas ruas, cada grupo tinha a companhia de seu mestre (cfr. CC 115-116). Não podia entrar nas salas alheias nem devia deixar entrar os outros na sua sem licença do prefeito. Também não podia expulsar a ninguém sem permissão do prefeito. Fazia a limpeza da sala, comunicava as ausências e punha particular atenção nos bons costumes, conversações e jogos dos escolares. Dentre os melhores alunos, escolhia os “decuriões” e demais oficiais que lhe ajudavam na marcha da aula. Seu contato indispensável com os pais acontecia na presença do Prefeito ou, pelo menos, com a sua autorização. E não podia aceitar nada deles nem visitá-los na suas casas, senão por doença grave dos pais ou do filho (cfr. CC 38, 113,114). No referente à sua atividade didática, tinha que ser absolutamente fiel ao programa (livros, exercícios, método...) que recebia do Ministro. Podia usar apostilas, para ajudar a sua memória, na hora de explicar as lições (cfr. SJC. 301-307).
- **O confessor dos alunos.** Levando em conta a grande importância que Calasanz atribuía à eficácia dos sacramentos no seu sistema educativo, não podia faltar no con-

junto docente a figura do confessor ou, para melhor dizer, do diretor espiritual (cfr. CC 193). Deveria estar isento de aulas, ser de idade madura e perito nos casos que os alunos apresentavam. Possuidor de um método fácil de perguntar aos alunos e propor-lhes ideais atrativos (cfr. CC. 316-317). Sempre à disposição dos escolares, devia confessá-los todos ao menos uma vez por mês e guiá-los como autêntico diretor espiritual. Quando alguém tinha que ser castigado com chicote, podia oferecer-lhe a oportunidade, de acordo com o prefeito, de mudar o castigo pela confissão, porque, segundo Calasanz, “*é mais eficaz o sacramento que o chicote*” (EP c.144). Devia procurar que todo novo aluno fizesse quanto antes confissão geral, para que, conhecendo-o, pudesse guiá-lo melhor daí em diante (cfr. SJC p.307-311).

- **O prefeito da oração contínua.** A oração contínua era uma espécie de oração-catequese feita durante o horário escolar por todos os alunos, em turmas de nove ou dez alunos, de trinta minutos de duração. O prefeito da oração contínua vinha a ser o ajudante do confessor e aquele que dirigia espiritualmente os alunos no foro externo. Ao mesmo tempo em que fazia orar ao grupo diante do Santíssimo pelas necessidades da Igreja, da sociedade e das Escolas Pias, ensinava os conceitos mais importantes da fé, o uso e frequência dos sacramentos e a oração pessoal. Tal prefeito devia ser de “idade madura, culto e de grande espírito”, porque sua função e responsabilidade eram, para Calasanz, muito importantes (cfr. SJC. 311-313).
- **O disciplinário.** Numa época de castigos duros e inclusive arbitrários, Calasanz suavizou a prática do castigo corporal, encomendando a um religioso, diferente do mestre e do prefeito, a execução dos eventuais castigos corporais. Não correspondia a ele estabelecer a medida do castigo, mas executá-lo segundo as ordens do Prefeito ou do Ministro, “com prudência, piedade, benignidade e misericórdia” (cfr. SJC p.313-315).
- **Ofícios menores.** Além dos ofícios já indicados, cujos responsáveis eram sempre pessoas fixas, existiam outros de menor importância, nem sempre exercidos por pessoas determinadas, mas por todo o pessoal docente revezando-se: o **prefeito do pátio** ajudava ao Prefeito das escolas na disciplina nos recreios; os **custódios** dos escolares vigiavam os meninos reunidos na porta do colégio até que se dava o sinal para entrar nas salas; o **bibliotecário** cuidava da conservação dos livros e do silêncio dos professores e estudantes que os consultavam; os **guias**, dois por grupo, que acompanhavam os alunos desde a escola até a casa paterna com o auxílio dos decurhões (cfr. SJC p.315-319).
- **Membros externos ao corpo docente.** O fato de ser as Escolas Pias Ordem religiosa, supôs uma ajuda “de fora” ao andamento dos colégios: o Pe. Provincial, os Padres Visitadores e o Pe. Geral desempenhavam o que hoje faz o Ministério de Educação através de seus Inspetores. Segundo Calasanz, ninguém podia ocupar o cargo de Provincial (Superior dos colégios de uma demarcação religiosa) sem ter seis anos integralmente dedicados ao ensino e pelo menos três de Ministro local (cfr. CC, 282-283). Correspondia ao Provincial nomear os Ministros locais, sistematizar o pessoal docente de cada casa, nomear os examinadores dos mestres, receber a informação semanal do Ministro e visitar cada ano todas as escolas. Calasanz, como primeiro Pe. Geral da Ordem, manteve um contato permanente e detalhista com as casas, como testemunha seu amplíssimo epistolário. Visitadores eram representantes do Geral ou Provincial que inspecionavam as escolas e controlavam seu bom andamento, as instalações, os

programas, o ensino da doutrina cristã, o funcionamento dos oratórios dominicais, as academias, as congregações... Decretavam o remédio oportuno às irregularidades e transmitiam as experiências positivas de uns centros aos outros (cfr. CC, 310-311; SJC p.325-328).

- Participação dos educadores na vida do colégio

Calasanz insistia em que se devia escutar a todos nas reuniões semanais e sempre incentivou as boas iniciativas de seus mestres, porque o funcionamento da escola não era obra do Ministro ou do Prefeito (este último era o “homem forte” do seu sistema), mas trabalho de todos.

- Atividade catequética dentro e fora do colégio

A Doutrina Cristã foi a principal matéria do ensino nas Escolas Pias. Calasanz pôs todo empenho em que seus mestres se preparassem bem para este ofício e a doutrina cristã fosse ensinada com a regularidade e normalidade de todas as demais matérias escolares (cfr. CC, 5, 200). Quis, além disso, que o ensino dominical e festivo fosse realizado publicamente no templo. Enquanto nas aulas se adiantava sempre um pouco na matéria, aos domingos e festas era, sobretudo, uma expressão de exercício público, com a duração de uma hora pelo menos. Nunca faltava uma exortação espiritual feita pelo catequista, nem alguma repetição das lições indicadas. Mas, frequentemente, eram os próprios meninos que faziam a parte principal com suas disputas ou com seus discursos (cfr. SJC, p.434-437). Calasanz organizou a catequese dominical não só aos alunos, mas também aos estranhos. Os primeiros escolápios, com o venerável Glicério Landriani à frente, ensinavam com grande zelo e acerto a doutrina cristã em diversas igrejas de Roma, Frascati e cidades vizinhas (cfr. SJC. p.442-446).

2.3. Pais de alunos

Calasanz sabia que, se a escola quer garantir um êxito estável e duradouro no educando, não pode descuidar da cooperação dos pais. Por isso queria que houvesse entre ambos uma relação mais estreita possível. O primeiro ponto em que pedia a colaboração dos pais era na assistência diária e no progresso da aprendizagem. Deviam justificar todas as ausências e controlar a realização das tarefas, assim como a boa conduta dos filhos. O Prefeito tinha um escritório onde atendia os pais para dar ou receber informação. E os mestres também podiam ser visitados por estes, na presença do Prefeito. Era muito estreita a colaboração na hora de decidir se o filho ia prosseguir “estudos literários” ou se ficaria na “capacitação profissional” das primeiras séries. Os pais dos alunos podiam ser atendidos nas igrejas dos respectivos colégios. Inclusive nelas funcionavam as congregações de adultos. As representações, recitais e conferências solenes contribuíam também para o contato entre os pais e o colégio.

A delicadeza de Calasanz nesse tema chegou ao ponto de proibir pedir ajuda nas casas dos alunos para salvar a gratuidade total. Os mestres podiam visitar seus alunos e os pais deles quando estavam gravemente doentes, para dar-lhes o consolo da fé. Calasanz queria que se respeitasse a justa crítica das famílias com respeito ao andamento do colégio, mas não permitia nunca que se desse ouvido aos caprichos e observações incompetentes dos pais (cfr. SJC, p.359-362).

2.4. Ambiente escolar

O chamado “sistema preventivo” foi utilizado já com plena eficácia nas escolas de Calasanz, ainda que a sua exposição sistemática seria feita mais tarde por D. Bosco. É a base de seu sistema educativo apresentado no memorial ao cardeal Tonti (nn.5, 9, 15, 17, 25, 26). O ambiente educativo começava com a educação “a teneris annis”, o controle contínuo do educando e o oportuno uso dos sacramentos. Propunham-se aos alunos ideais altos, para não ficar somente no “treinamento” de uma disciplina exterior; eram formados solidamente nas virtudes cardeais; e iniciados no espírito e na vida de oração, despertando-os para os grandes problemas da Igreja e da sociedade (cfr. SJC, p. 603-607).

2.5. Integração de Piedade e Letras

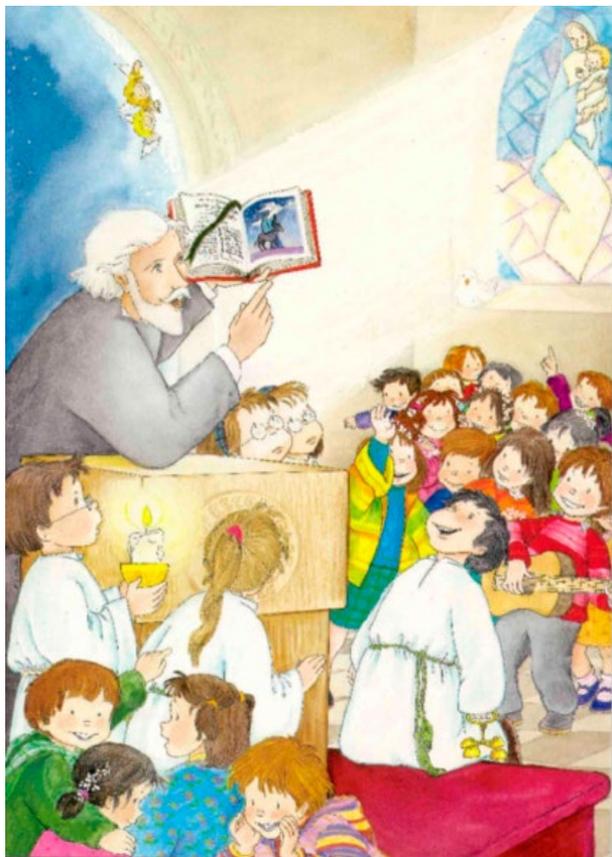
Calasanz afirmava que é possível prever um feliz percurso de toda a vida dos educandos bem preparados nas letras e educados na piedade (cfr. CC, 2). As Escolas Pias de Calasanz foram verdadeiramente escolas, no sentido mais moderno e concreto da palavra e não somente, um oratório destinado unicamente à educação moral e religiosa dos meninos. Piedade e letras, ciência e fé, integram-se na mente e na praxe pedagógica de Calasanz e de seus seguidores. Ao falar dos futuros educadores, Calasanz escreveu: *“harmonizem o estudo com a espiritualidade e que ambos se ajudem em serviço recíproco”* (CC, 210). O lema era primariamente para os formadores e como consequência para os alunos.

- Piedade

A escola de Calasanz tem como meta principal a boa educação moral e religiosa dos alunos (cfr. CC,2), cujo fim último foi, sem dúvida, fazer cada educando “hábil para santificar-se” e sujeito ativo da reforma moral e social da sociedade. Fala o santo de educar na piedade e na doutrina cristã, isto é, na espiritualidade ou experiência cristã, e nos conhecimentos ou cultura religiosa (cfr. CC, 5). Calasanz insistiu em iniciar “desde os mais tenros anos” a educação, para prevenir todo influxo prejudicial. Aqueles que já perderam a inocência eram convidados a fazer confissão geral, ao ingressar, para romper com o passado e iniciar uma vida nova (cfr. SJC, p.470-473).

- **Santo temor de Deus.** A formação estritamente religiosa tinha como meta inicial suscitar, nos alunos, “o santo temor de Deus”, entendido como admiração pela grandeza de Deus (costumava usar, segundo a expressão da época, “Sua Divina Majestade”) e uma relação filial com respeito à paternidade divina, que levava o menino a vigiar amorosamente para cumprir os mandamentos. Esse “temor de Deus” - princípio da sabedoria - que se transformava em “amor reverente”, em piedade filial, ficou para sempre como base principal da educação religiosa calasãncia (cfr. SJC. p.474-475).
- **Cristocentrismo.** Calasanz quis que, além do ensino regular da doutrina cristã, se propusesse e explicasse aos alunos, com particular esmero, toda a vida e paixão de Cristo segundo o livro escrito pelo próprio Calasanz; que as festas do Senhor se celebrassem com grande solenidade; que a oração contínua se realizasse diante do Santíssimo; que ao menos mensalmente comungassem os que tinham idade para isso e que a figura de Jesus fosse o primeiro dos ideais que se propunham nas aulas (cfr. SJC, p.476-479).
- **Sacramentos.** Dentre todos os meios naturais e sobrenaturais da educação calasãncia,

ocupam o primeiro lugar, sem discussão, os sacramentos da confissão e da comunhão (Santa Missa). Calasanz disse sobre esses dois sacramentos “*que costumam iluminar extraordinariamente o entendimento e, ao frequentá-los com devoção, costumam inflamar a vontade para aborrecer o pecado e amar as obras da virtude*” (Ep.c.471). Desejou a santa missa obrigatória para todos, mas deu alguma liberdade aos maiores; a quis quotidiana, mas fez o possível para que a participação dos alunos fosse cada vez mais ativa, frutuosa e disciplinada. Se o templo foi para ele a principal sala de aula, a santa missa foi a lição mais importante (cfr. SJC. p. 523-537).



- **A oração contínua.** Consistia numa adoração ininterrupta do Santíssimo feita diariamente durante as horas de aula por todos os alunos em turmas de nove, dez ou doze escolares cada vez, em intervalos de trinta minutos, sob a guia de um sacerdote. Ora-va-se pelas necessidades da Igreja, da sociedade e das Escolas Pias. Explicavam-se as principais verdades da fé e o modo devoto e frequente de confessar e comungar (cfr. SJC, p.311-312; SL, p.112-116).
- **Devoção mariana.** Depois de Cristo, o segundo ideal que Calasanz quis que fosse proposto aos alunos foi a Virgem Maria, mãe de Deus e das Escolas Pias. As aulas começavam e concluíam com invocações à Virgem. À tarde, todos passavam pela

igreja para rezar as ladainhas da Virgem ou a Coroa das doze estrelas, louvor simples e teológico, obra de Calasanz. O terço era recitado nas filas ao voltar à casa. O angelus, de manhã e à tarde. Todas as práticas de piedade concluíam com a reza: “À vossa proteção, recorreremos, santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas, em nossas necessidades, mas de todos os perigos, oh Virgem gloriosa e bendita, defende sempre os vossos filhos”. O sábado era especialmente dedicado a Maria. Aos domingos e festas, os alunos maiores, antes da Eucaristia, rezavam o ofício da Virgem e os pequenos, o terço. As sete festas de Nossa Senhora eram celebradas com recesso e oratório. Os alunos mais devotos inscreviam-se livremente nas Congregações marianas dos colégios (SJC. p.480-494).

- **O culto dos santos e o anjo da guarda.** Depois da apresentação de Cristo e de sua Mãe, Calasanz propunha aos meninos a figura dos santos mais apropriados à mentalidade e circunstâncias deles: os santos meninos: Justo e Pastor; os três jovens mártires da Sicília; Santo Tomás de Aquino, modelo pela sua pureza e amor à ciência. Eles entravam no mundo real dos alunos como ideais potentes que iluminavam seu entendimento e atraíam sua vontade. Não esqueceu Calasanz a figura do anjo custódio (cfr. SJC, p.480-494).
- **O exercício das virtudes.** Prescrevia Calasanz que seus discípulos fizessem cada dia um sério exame de consciência e que se lhes ensinasse o modo de fazê-lo bem. Começava o dia com o oferecimento ao Senhor de todos os atos, mediante um texto composto por ele mesmo (cfr. SL, p.110). Realizavam-se diariamente meditações sobre a fé, a esperança e a caridade, para as quais foram impressos textos especiais. Acrescentavam-se atos de humildade e contrição. Insistia-se muito na formação das virtudes morais do educando. Calasanz pôs todo seu empenho em conseguir o espírito de sinceridade e verdade nos meninos, como condição indispensável para chegar a uma sólida educação na verdade. Teve um cuidado especial na educação dos jovens na pureza (cfr. CC. 201; SJC, p.502-516).
- **A prática da oração.** Um dos objetivos principais da educação calasanziana era promover um espírito profundo de oração, que havia de alcançar primeiramente no educando, e que depois tinha que se aplicar no louvor incessante de Deus e no auxílio ao próximo (“a república cristã”). Calasanz considerou a oração como um dos meios mais eficazes que o mestre tinha para a educação, tanto intelectual quanto moral. O mestre e o prefeito da oração contínua eram os encarregados de ensinar ao menino o modo de orar vocal e mentalmente, pessoal e comunitariamente. Todos deviam conhecer as principais orações da Igreja de cor. Faziam-se orações de súplica, petições em favor das necessidades do povo e da Igreja, de ação de graças e outras. Ao iniciar as aulas, rezava-se o “Vem, Espírito Santo” e a Salve Rainha. Ao soar o sino pela manhã e à tarde, o Angelus. Ao encerrar as aulas, rezavam-se as ladainhas de Nossa Senhora, junto com outras orações.
- **Práticas piedosas em casa.** Calasanz incluiu, nos Regimentos de seus colégios, a regulamentação da conduta extraescolar dos jovens, inclusive no âmbito da piedade (cfr. SJC, p.345-349).
- **Catequese extraescolar.** Oratórios e congregações. Já falamos da Catequese. O oratório consistia numa reunião prévia à celebração da eucaristia, aos domingos e festas.

Depois de uma breve leitura espiritual, uma exortação feita por um dos Padres, os alunos maiores rezavam o ofício de Nossa Senhora, e os pequenos, o terço (SJC, p. 339, 485, 583). No intervalo entre a catequese e as vésperas, alguns religiosos acompanhavam os escolares ao campo, fora da cidade, onde brincavam. Outro meio que Calasanz utilizou para a formação na piedade foi o das congregações. A inscrição era livre, e seus membros, formando uma associação autônoma -com diretivos eleitos por eles mesmos e com caixa comum- obrigavam-se a ser mais fiéis servidores de Maria. Tinham suas reuniões dominicais e festivas, suas práticas piedosas e mortificações voluntárias (cfr. SJC. p. 488-491).

- Letras

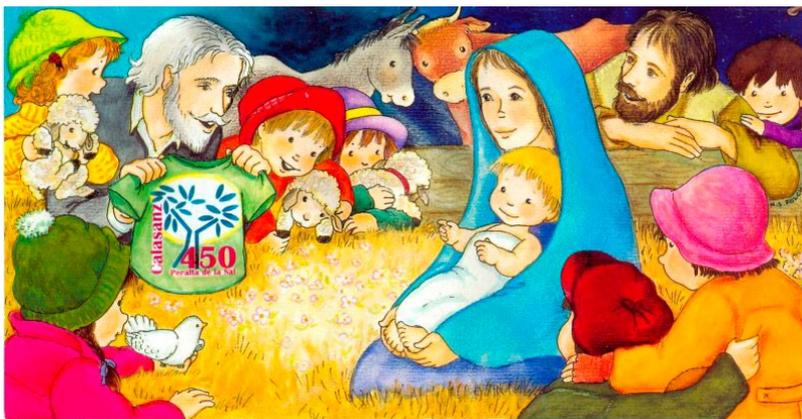
Para Calasanz, a educação intelectual teve uma parte pelo menos igual à da educação moral e religiosa (piedade). Defendeu sempre que não se pode dar uma verdadeira educação moral e religiosa sem uma sólida educação intelectual, nem se pode induzir a vontade ao bem se antes, ou pelo menos simultaneamente, o entendimento não for iluminado pela verdade.

- **O núcleo das matérias ensinadas.** Calasanz quer que se ensine em suas escolas fundadas para o serviço dos pobres: leitura, escrita, ábaco (matemáticas), latim (gramática) e doutrina cristã. Cada uma dessas cinco matérias -além de ser um elemento formativo do entendimento- tinha seu valor, sua função e sua finalidade sociais. O mérito de Calasanz radica na sua insistência no ensino da matemática (ábaco), bastante descuidado naquela época, e no ensino do latim (gramática) aos pobres, contra a oposição da sociedade a dar uma cultura literária a esses meninos (cfr. SJC.p. 417-420).
- **O ensino da leitura.** O principal objetivo a conseguir era uma leitura clara, seguida, correta, de qualquer texto latino ou italiano. O programa se desenvolvia em três períodos diferentes: conhecimento dos sons com a sua grafia e das sílabas; ler “o saltério de corrida” (leitura seguida de um texto latino); e leitura seguida de livros em língua vulgar. Cada um desses períodos durava, pelo menos, quatro meses. Ensinava-se a todos simultaneamente, usando métodos intuitivos. Calasanz insistia muito na necessidade de uma boa impressão dos livros de texto, para facilitar o trabalho dos alunos (cfr. SJC, p.423-425).
- **O ensino da escrita.** O ensino da escrita foi talvez mais importante na escola calasânica que o ensino da leitura, levando em conta a grande utilidade prática da caligrafia para diversos empregos da época, acessíveis aos pobres. O objetivo era conseguir uma escrita ligeira, disciplinada, quase caligráfica e sem erros de ortografia. Os alunos imitavam os modelos que os mestres lhes proporcionavam, muitas vezes impressos. Calasanz determinou inclusive como deviam ser as carteiras e que distância tinham que ter para que o professor pudesse se locomover entre elas. Às vezes, os melhores trabalhos eram expostos ao público nas festas escolares, outras vezes serviam de ornamento nas salas (cfr. SJC, p. 425-429).
- **O ensino da aritmética (ábaco).** Calasanz converteu a aritmética numa das matérias principais da sua escola. Os motivos que lhe impulsionaram a isso foram de ordem prática (habilitava muitos pobres para serem contábeis, calculistas, mecânicos do exército, comerciantes...) e de ordem intuitiva: percebeu a nova orientação cien-

tífico-positiva de Kepler, Galileu, Newton... Deviam ensinar, no mínimo, as quatro operações básicas, com inteiros e frações. Tinha-se especial cuidado com a aritmética comercial e, com frequência, também da militar. O mestre prescrevia diariamente um grande número de problemas que os alunos realizavam em suas casas. Durante a vida de Calasanz, em alguns dos colégios, ensinou-se matemática superior, segundo a “nova ciência” de Galileu, de quem foi discípulo um grupo de escolápios estimulados pelo próprio Calasanz (SJC,p. 429-434).

- **O ensino da doutrina cristã.** Calasanz considerou indispensável o ensino da doutrina cristã, de maneira tão regular e normal como o ensino das outras matérias escolares. Seu ensino escolar estava assim sistematizado: num determinado dia da semana, o mestre explicava na aula a doutrina (quase sempre o catecismo do cardeal Belarmino). Os alunos cada manhã deviam saber de cor sete ou oito linhas do mesmo. Em dois ou três anos concluía-se o catecismo. Além disso, diariamente, pela manhã e à tarde, reservava-se o último quarto de hora, quase sempre para uma explicação verbal de algum tema ou alguma prática de vida cristã. A este duplo ensino simultâneo a toda a classe, deve-se acrescentar a instrução recebida na pequena turma da oração contínua. Fora das horas letivas, aos domingos e festas, quis Calasanz a catequese pública da qual já falamos. Também instituiu uma aula chamada de “controle”, na qual, em períodos indeterminados, todos os alunos eram examinados diante de uma comissão (cfr. SJC, p.434-437).
- **O ensino de latim (gramática, humanidades).** O conhecimento do latim teve para Calasanz -além de um valor cultural- um valor social, porque constituía a condição indispensável para prosseguir estudos superiores e também para exercer determinadas profissões de menor importância, de grande difusão e geralmente praticadas pelos pobres, como notários e copistas (Cfr. SJC, p.162-163). O primeiro objetivo de seu ensino era, pois, duplo: para quem depois de três ou quatro séries de gramática concluíam para sempre os estudos, procurava-se um conhecimento mais técnico do latim, com o qual conseguiriam determinadas profissões; para os que aspiravam a maiores estudos, procurava-se que alcançassem tudo o que o Colégio Romano dos Padres Jesuítas dava a seus alunos para poder chegar à Universidade. Calasanz não foi tão original nesse ensino do latim. Geralmente incluía quatro séries e estava bem estruturado pela Ratio Studiorum dos Jesuítas.
- **A educação artística.** A caligrafia, a retórica e a poética tiveram sua função estética. Mas essa educação foi favorecida sobretudo pelo canto e pela música. Calasanz foi um zeloso incentivador da música sacra reformada por Palestrina. Ele mesmo criou a escola de música, para que, entre outros motivos, os escolares pobres pudessem ganhar o sustento diário tocando um instrumento ou cantando. Estas escolas de música e canto não davam uma formação musical de base científica. Eram centros modestos de divulgação, onde os alunos obtinham um complemento de sua cultura, um reforço para seu sentimento religioso e, em outros casos, um meio de ganhar o pão. Além do canto e da música, as encenações, imprescindíveis naquela época, tiveram também sua parte na educação estética dos alunos. Calasanz as permitia, mas, com muitas reservas, porque lhe parecia que perturbavam o desenvolvimento dos estudos, fomentavam a vanglória e outras inclinações negativas (cfr. SJC. p. 550-566).

- **A educação física.** Calasanz deu grande importância à boa saúde física e psíquica de seus alunos e atendeu muito à sua higiene pessoal. O meio que utilizou foi o recreio comum ou passeios, que se faziam, pelo menos duas vezes por semana: aos domingos e quintas-feiras. Iam para fora da cidade e ali jogavam bola, pelota, jogo da malha. Além desses passeios, não achamos sinais de uma educação física praticada nas primeiras escolas calasâncias, de maneira sistemática (cfr. SJC, p. 567-573).
- **A educação social.** O fato de Calasanz ter aceitado, depois de 1617, admitir, nas suas escolas, tanto ricos e nobres como pobres, conjuntamente e sem distinção alguma de classe, teve sua indiscutível significação social. Contribuía também para essa igualdade e respeito mútuo entre os alunos a obrigação de saudarem os companheiros ao chegarem à escola e, nas suas conversas, tinham que se tratar de senhor. Infundia-se no ânimo dos alunos o sincero amor à pobreza, base segura de toda formação social, e ao trabalho. Não se admitiam vantagens ou privilégios por outro motivo que não fosse a integridade de costumes ou maior diligência e aproveitamento no estudo (cfr. SJC, p.402-405). Os regimentos colegiais prescreviam o trato afável e a obediência alegre aos pais, aos mestres, às autoridades e, em geral, aos mais velhos, em justa correspondência ao respeito, adaptação e veneração externa que Calasanz exigia dos educadores para com seus alunos (cfr. SJC, p. 345-347).
- **Ciências maiores.** Calasanz não se deteve no simples conhecimento das regras e método didático das cinco matérias elementares. A fundação da Escola Superior de Matemática de Florença (1630), a estreita relação que ele e alguns dos seus chegaram a ter com Galileu e com outros célebres matemáticos e físicos da sua época, sua inclinação pessoal e sua intuição, que percebeu a direção científico-prática dos novos tempos e a parte importante que neles teria a matemática, fizeram com que obrigasse a uma boa parte de seus religiosos a estudar matemática superior (cfr. SJC, p.149-150). A história do ensino do latim na Itália foi animada e ajudada pelo próprio Calasanz, competente neste assunto, ao propiciar uma nova gramática -do Pe. Apa- que servisse “para ajudar aos pobrezinhos, que não podiam entreter-se muitos anos no estudo da língua latina” (EP. c.3769). Como, para Calasanz, o educador total é o pedagogo-sacerdote, não descuidou dos estudos sagrados da filosofia e teologia (cfr. SJC, p.200-



206). Até quase um século depois da morte de Calasanz (ano 1731) não foi resolvida por Clemente XII a polêmica sobre a possibilidade dos Padres Escolápios ensinarem a seus alunos as “ciências superiores”, ainda que conste que, estando Calasanz vivo, já se explicava em alguns colégios, matemática superior, grego, filosofia e casos de consciência (cfr. SJC, p.266-267).

- **O ensino da língua vulgar.** Seu ensino não constituiu uma matéria do currículo. Fazia-se através das aulas de leitura, escrita e latim; as palestras ou sermões que os alunos deviam pronunciar na catequese dominical e academias; e mediante as representações cênicas (cfr. SJC. p.231-235; 427-428; 459-462; 565).

2.6. Método

Depois que Calasanz adotou o sistema de séries separadas para cada idade e para cada unidade didática, seguiu como consequência necessária, o método chamado “simultâneo”: todos os alunos de uma série são instruídos ao mesmo tempo e em idêntica matéria. Isso, que já acontecia nas escolas secundárias (ensino médio), ele o introduziu nas elementares. Fomentou o método intuitivo, na base de disputas semanais, cada sábado, sobre os conteúdos dados nos dias precedentes, e exercícios mensais em prosa e em verso; com os pequenos usava grandes cartazes, onde aprendiam a ler e captavam cenas bíblicas.

Podem-se observar indícios do método mútuo na escola calasância: os decuriões (alunos adiantados que ajudavam ao mestre) instruam, às vezes, seus companheiros e lhes tomavam lições. Defensor da memorização, Calasanz pedia, ao mesmo tempo, que fizessem os alunos raciocinar e lhes propunha composições literárias, nas quais deveriam argumentar a favor ou contra uma tese. Também há provas de que Calasanz aplicou o método misto (conjugação do simultâneo e do mútuo) na seção de humanidades. Calasanz prescreveu nas suas Constituições o método de ensino único e uniforme em todas as séries e colégios. Essa orientação de caráter disciplinar não anulou em absoluto a possibilidade de um progresso. Pelo contrário, em oposição ao barroquismo da época, ele buscou sempre e mandou procurar um método “simples, eficaz e, na medida do possível, breve”, “adaptado ao aluno”, “*o melhor entre os aconselhados pelos mais doutos e especialistas na matéria*” (cfr. CC, 203, 194, 317, 332, 207, 216, 215, 212; SJC, p.273-276).

- Prevenção

Por outra parte, já indicamos que Calasanz usou um método preventivo, que afastava os meninos do poder corruptor do ócio, do ambiente corrompido da miséria, do pecado e dos maus companheiros. Ele se serviu para isto do contínuo controle vigilante, a atrativa exemplaridade dos educadores e as minuciosas prescrições dos regimentos, que atendiam até os detalhes da vida do educando, dentro e fora do educandário, e procuravam eliminar toda fácil ocasião de pecado (cfr. SJC, p. 471-473). Uma das práticas calasâncias que mais contribuiu para esta prevenção do mal foi o acompanhamento dos alunos às suas casas: “as rotas” (cfr. SJC, p.362-370). Calasanz deu muita importância às lições ocasionais que, sem estarem programadas, penetram profundamente no educando. Sua escola não foi pura teoria, mas quis um ensino intelectual e moral práticos, que servisse para a vida, que fosse praticável (cfr. SJC, p. 416-417; 503; 547).

- Emulação e castigo

Fiel ao seu tempo, Calasanz fomentou entre seus alunos o espírito de emulação, para alcançar deles a maior diligência possível. Tanto as aulas de escrita, leitura e ábaco, quanto as de gramática (latim), estavam divididas em dois grupos “contrários”, com seus respectivos decurhões e outros oficiais. Nas séries elementares, em determinados dias, o aluno destacado era nomeado “imperador” durante uma semana. Nas superiores, a seção vencedora recebia recompensas. Existia também o imperador por todo o curso escolar. O Ministro local costumava distribuir prêmios aos mais diligentes, durante suas visitas frequentes às aulas. E a mesma coisa fazia o Pe. Provincial. Além disso, duas ou três vezes ao ano, tinha lugar uma distribuição pública de prêmios aos melhores (cfr. SJC, p.462-465).

Com o uso prudente da emulação e das correções verbais aos negligentes, só em casos extremos houve que recorrer ao castigo corporal, vigente na época, mas suavizado em número e rudeza por Calasanz. A escala empregada nos castigos foi: a negação do prêmio outorgado aos mais aplicados; a correção por palavra; o banco dos preguiçosos; e, em casos extremos, o castigo corporal, executado pelo disciplinário. Calasanz usou com os incorrigíveis a expulsão do colégio (cfr. SJC. p.538-545).

2.7. Escola por níveis

Calasanz é quem transforma o ensino elementar ou primário, de unitário em seriado, e adapta a seus fins a graduação existente nos colégios secundários dos jesuítas, apresentando como sistema aberto, com facilidade de acesso tanto ao mundo do trabalho, quanto aos estudos superiores (cfr. SJC, p.284-294).

- Estrutura escolar

As séries estavam agrupadas em duas seções: escola elementar e escola secundária (de gramática ou escola média). A elementar tinha como base três séries distintas. A secundária constava de seis. Dos documentos existentes, se deduz que nos colégios principais não faltaram as três séries - base da seção elementar -, mas a “escolar de ler” dividia-se em duas e até em três (quatro) séries. A primeira (oitava para Calasanz) se chamou “escola da Santa Cruz” ou bem a “escola de ler soletrando” ou “escola das criancinhas”. Nela se aprendia “a santa cruz e a soletração”. A segunda (sétima) era a “escola do saltério”. Nela ensinava-se a ler o saltério; a isso acrescentava-se ainda, “em voz alta, o princípio da doutrina cristã e as orações necessárias”. A terceira (sexta) se chamava a “escola de ler de corrida” e ensinava-se nela “a ler com rapidez, livros em língua vulgar, como o livro das virgens”. A quarta (quinta) era a série de escrever. Nela ensinava-se “a escrita com tal facilidade que, no espaço de três meses ou quatro, os dotados de bom pulso aprendiam uma suficiente forma de letra”.

Em alguns colégios, essa quarta série “de escrever” tinha três opções, uma vez obtida uma boa escrita: escola de ábaco e escrita, “colocada à disposição daqueles que iam exercitar alguma arte”; escola dos primeiros elementos de gramática latina e escrita, para aqueles que “queriam seguir nas letras”; escola de música e escrita, para aqueles que desejavam ganhar seu pão com a música. Enquanto à seção clássica ou gramatical, cujo principal objetivo era a perfeita aprendizagem da língua e literatura latinas, as aulas de gramática formavam sempre a parte preponderante e faltavam muitas vezes as de humanidades e retó-

rica. O seu programa era assim: na quinta (quarta de gramática), ensinavam-se os princípios elementares, os rudimentos da gramática latina, a declinação dos nomes simples e compostos, a conjugação ativa e passiva e as regras de concordância; e, sem dúvida, a doutrina cristã. Na sexta (terceira de gramática), aprofundava-se no conhecimento das conjugações e concordâncias e liam-se os *Diálogos* de Juan Luis Vives ou o livro quarto das *Epistolas familiares* de Cícero e continuava-se com a doutrina cristã. Na sétima (segunda de gramática), concluía-se o estudo do verbo e davam-se as regras principais da sintaxe das preposições, comentava-se um livro das *Familiares* de Cícero, e as *Églogas de Virgílio*; e continuava o estudo da doutrina cristã. Na oitava (primeira de gramática), completavam-se as regras de sintaxe e davam-se algumas estilísticas; explicava-se o *De officiis*, de Cícero e a *Eneida* de Virgílio; também não faltava a doutrina cristã. Já no tempo de Calasanz, além dessas quatro séries, existiam também, em outros colégios, aulas de humanidades, retórica e poética (cfr. SJC.p, 256-265).

- Duração do ano letivo

Começava no dia 3 de novembro e concluía em 20 de outubro.

- Jornada letiva

As lições escolares eram matutinas e vespertinas e duravam duas horas e meia pela manhã e o mesmo pela tarde. A hora do começo variava segundo as estações. À tarde, dava-se preferência às matérias mais fáceis e ao exercício das coisas aprendidas (cfr. SJC, p.330-332, 337).

- Provas regulares

No ingresso, o aluno era avaliado para ver que série deveria frequentar. A cada quatro meses, havia provas de promoção, mas se o mestre via que um aluno estava preparado antes para ser promovido, solicitava um tribunal, que presidido pelo Prefeito verificava a conveniência ou não da promoção. Esse sistema manifesta, ao mesmo tempo, intuição pedagógica e uma finalidade prática (cfr. SJC, p.276-278).

- Número de mestres por sala

Nas salas da seção elementar, dado o número relativamente grande de alunos, Calasanz preferiu dois mestres e não um: o principal e o ajudante. Aquele era o responsável absoluto pela sala. Ele os guiava desde a manhã até a tarde, acompanhava os alunos à igreja e às suas casas, guiava sua vida espiritual e orientava o seu progresso intelectual. Era quem velava de perto por todo o processo educativo do aluno. Na seção clássica, pelo número relativamente escasso de alunos, foi suficiente sempre um mestre para cada sala. A intenção primitiva de Calasanz foi que cada mestre se especializasse numa matéria e ficasse sempre na mesma seção (cfr. SJC, p.269-270).

- Diversos tipos de escola

Na vida de Calasanz dão-se casos particulares de outros tipos de escola, como a Escola de Nobres de Florença (ano 1638) e a Escola Superior de Matemática, também de Florença (ano 1630), o Internato Nazareno de Roma (ano 1630).

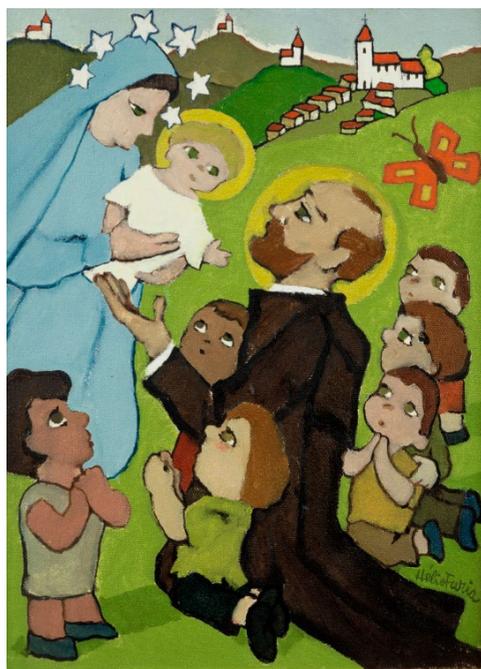
2.8. Estruturas e organização

- Prédio escolar

Calasanz exigia que os que pediam a fundação de um colégio proporcionassem: casa para os religiosos, edifício para as escolas, igreja, biblioteca e uma horta (cfr. EP, c.178 e 145). Preferia que seus colégios se situassem em cidades pequenas e pobres. Se estavam em cidades grandes, buscava o coração dos bairros mais pobres, sempre os de maior população infantil. Quando era preciso edificar tudo, queria que a obra fosse “*simples, de pouco custo, mas bem ordenada*” (EP, c. 181; Tonti n.23,26). As salas deviam estar separadas dos quartos dos religiosos. Eram enfeitadas com trabalhos dos alunos e, a cada outono, eram pintadas e se consertava o mobiliário. O edifício das salas deveria ter comunicação com a igreja e com um salão para as academias (exercícios literários). Existia uma sala para a doutrina cristã. A sala de escrita devia ser suficientemente ampla para que os mestres pudessem locomover-se entre as carteiras e guiar os alunos. Era imprescindível a água corrente e um pátio ou jardim. Calasanz deu muita importância, por motivos da época, à situação e cuidado dos “lugares comuns” ou banheiros (cfr. SJC 352-359).

- Material didático

Calasanz se preocupou com os livros de texto, fomentando entre os escolápios a publicação de livros escolares escritos em língua vernácula, inclusive a gramática latina, e livros de piedade, adaptados à capacidade dos alunos. Ele mesmo escreveu e fez imprimir um catecismo, intitulado “*Alguns mistérios da Paixão de Nosso Senhor*”, um “*Relógio da Paixão*”, uma “*Coroa das doze estrelas*” e numerosas orações, santinhos etc. Quis que a impressão dos livros fosse de boa qualidade e que seu conteúdo pudesse servir para aproveitamento dos pais dos alunos (cfr. CC, 213). Com os pequenos, usou cartazes para a iniciação intuitiva da leitura e da história sagrada. Proporcionava gratuitamente o material de trabalho aos alunos mais pobres e queria que os mestres preparassem previamente as canetas, com as quais os meninos tinham que escrever, para um maior aproveitamento do tempo de aula (cfr. SJC, p.387-391).



- Regimentos colegiais

Além do que hoje chamaríamos “*Manual de funções*”, recolhido nas suas Constituições e Ritos, conservamos numerosos Regimentos das escolas, dos internatos e dos mestres, alguns redigidos por ele, e outros simplesmente revisados e aprovados. Neles brilha a

obsessão de Calasanz pelo método uniforme “fácil, útil e breve”; a integração da piedade ou “santo temor de Deus” e das letras; sua capacidade organizadora; sua preocupação por matizes educativos, que chegam até minúcias (cfr. SJC, p.343-350).

- Obrigatoriedade da escola

Com a obrigatoriedade da assistência, que devia ser controlada não só pelo mestre da sala e o prefeito, mas também pela autoridade pública, segundo a mente de Calasanz, quis ele exercer pressão sobre os pais que não zelavam pelo bem de seus filhos ou que pela sua extrema pobreza queriam colocá-los imediatamente em qualquer trabalho produtivo; e sobre os próprios alunos maiores, que, acostumados ao ócio, não valorizavam a assistência diária (cfr. SJC, p.71).

2.9. A modo de resumo

Como síntese do ensino pedagógico de Calasanz, podemos indicar os seguintes pontos de seu pensamento educativo:

- Calasanz descobre o valor reformador da educação desde a compaixão amorosa com a infância e juventude pobres. Daí que sua longa e variada prática pedagógica tenha um princípio unificador: o amor paciente ou a paciência amorosa que penetra todo o tecido da pedagogia calasânica. O mesmo “santo temor de Deus” aprofunda suas raízes no amor.

- Para Calasanz, quem educa é Cristo através da ação do Espírito. O mestre é “instrumento” que *“em atitude humilde deve esperar de Deus Todo-Poderoso os meios necessários para ser eficaz cooperador da Verdade, pois Ele o chamou como operário a esta messe fertilíssima (da educação)”* (CC,3).

- O ministério do ensino, segundo Calasanz, educa o homem *“mediante as letras e o espírito, a luz de Deus e do mundo”* (Tonti, 9). São duas vertentes de uma única educação e, por isso, Piedade e Letras sempre têm que vir unidas. Ambas as realidades aperfeiçoam-se interagindo e não de fundir-se na pessoa do educador e do aluno (CC. 210, 203).

- Cronologicamente, coincidem em Calasanz sua “segunda conversão” e sua forte experiência mística de um lado, com a entrega definitiva ao ministério da educação de outro (“Encontrei em Roma” ano 1600). Desde esse momento, vão crescendo nele uma espiritualidade pedagógica e uma pedagogia espiritual.

- Fruto da liberdade do Espírito é a fidelidade de Calasanz ao Evangelho e a sua grande abertura de mente e coração manifestada, por exemplo, na acolhida de meninos judeus e protestantes; dos melhores métodos, quaisquer que sejam seus autores; da controvertida “nova ciência”; de personagens condenados pela autoridade eclesiástica.

- Sua contribuição mais valiosa foi a convicção de que, se a educação começa desde os mais tenros anos, pode-se esperar um percurso feliz da vida inteira (CC, c.2), pela qual lutou com firmeza, contra o sentir comum da sua época, até semear na história, o germe de uma escola cristã e popular, pública e obrigatória. Adiantou-se assim, em vários séculos, aos governos de Europa.

- A filosofia de fundo da sua pedagogia está na direção do personalismo. É profundamente antropocêntrica ao mesmo tempo que cristocêntrica.

- Com respeito ao saber e ao serviço de Deus nada valem os privilégios de classe nem a acepção de pessoas.

- Tem que educar cada aluno segundo suas próprias aptidões –“a interna inclinação”- e atender por onde o Espírito o conduz (cfr. CC, 23).

- Foram as crianças e os jovens pobres os que lhe “roubaram” o coração, ainda que posteriormente abrisse suas portas a todas as classes sociais, ao ir adquirindo um sentido mais amplo de universalidade e integralidade.

- Aos pobres quis dar - mediante um método fácil, útil, breve, o melhor entre os melhores e uma escola com séries - uma formação humana e cristã e instrumentos para integrar-se na vida com um trabalho digno ou a possibilidade de chegar à universidade bem preparados.

- Com isso estava colaborando com a Reforma da Sociedade e da Igreja, pois a elevação intelectual, moral e religiosa das classes populares ajuda na melhoria de uma e de outra. Com sua escola, Calasanz não trata meramente de ajudar ao pobre, mas, sobretudo, de combater a pobreza, uma autêntica revolução.

- Podemos afirmar, pois, que Calasanz é o descobridor do ensino como um ministério eclesial novo, “diferentíssimo e compêndio de todos os demais ministérios” (Tonti, nn.20 e 25). E em consequência, o fundador da primeira Ordem religiosa que tem o ensino de crianças e jovens como “instituto próprio” (CC, 1, 5).

- Alguns Fundadores e Fundadoras posteriores descobriram no carisma de Calasanz uma imagem do seu próprio carisma, ou bem o desenvolveram em aspectos implícitos e complementares, e colocaram suas respectivas Congregações sob o patrocínio do Santo. Esses Institutos, juntamente com as Escolas Pias, formam na Igreja a Família Calasância.

- A confirmação da visão profética de Calasanz manifesta-se nas numerosas Instituições Religiosas dedicadas à educação, na entrega de muitos leigos cristãos à missão educativa, no desenvolvimento da mística da educação nos pais de família e na importância transcendental que os governos de todo o mundo deram à tarefa educativa.

- Compartilhar a missão educativa, instrutiva e pastoral e inclusive seu carisma abre possibilidades novas com respeito a um futuro desenvolvimento da vida e missão de Calasanz.

3. TRAÇOS DE UMA PEDAGOGIA ESPIRITUAL

A experiência espiritual de Calasanz inspira sua concepção pedagógica e sua praxe educativa. Portanto, sua pedagogia é uma pedagogia espiritual que se caracteriza por traços como os seguintes:

- o compromisso educativo - preferentemente a favor dos pobres - vive-se como “ministério” apostólico;
- a educação oferecida em forma adequada considera-se como a intervenção decisiva para assegurar o bem da pessoa e da sociedade;
- o compromisso mais forte tem que ser para com os mais necessitados de ajuda (a melhoria do povo é o verdadeiro progresso da sociedade);
- a promoção cultural e humana das novas gerações não tem que ser vista como um luxo

ou privilégio de uma minoria, mas como um direito de todos;

- a ação educativa tem de começar desde a primeira infância, quando as crianças são mais maleáveis;
- colaboração valorizada e requerida expressamente com a família;
- deve-se instar às autoridades públicas para que tomem conta do problema educativo;
- a educação deve procurar mais prevenir o mal que corrigir e reprimir um desenvolvimento errado do crescimento;
- se é preciso, o educador tem de saber corrigir oportuna, razoável e amorosamente;
- a ação educativa deve basear-se num grande amor e tem de realizar-se com tenaz paciência, sem pretender ver resultados imediatos;
- o educador é só “cooperador da Verdade”, mas sua colaboração é preciosa e indispensável e, por isso, tem de manifestar-se numa presença constante e discreta;
- confiança na possibilidade de harmonizar a fé e a razão; a verdadeira ciência nunca poderá ser obstáculo para a fé;
- a ação educativa tem que fazer crescer harmoniosamente o homem e o cristão, assegurando à vida do jovem um desenvolvimento integral e feliz;
- o educador cristão tem de descobrir nos instrumentos da graça, dados por Cristo, recursos preciosos para superar obstáculos e favorecer uma autêntica maturação do educando;
- o educador deve ajudar o jovem a conseguir habilidades que lhe permitam uma positiva e rápida inserção profissional e social;
- grande importância dada às atividades extraescolares de caráter religioso, recreativo e formativo;
- opção clara em favor de um método didático breve, claro e prático; abertura aos métodos novos que manifestem que são verdadeiramente eficazes;
- permanente validade da escola como meio preferente e fundamental para a educação;
- a educação popular é o caminho mais eficaz de reforma da sociedade e da Igreja.

A fórmula Piedade e Letras, que aparece com frequência nas Constituições de Calasanz e que, com o tempo, chegou a ser o lema programático e que sintetiza sua obra, é uma feliz expressão da síntese de espiritualidade pedagógica e de pedagogia espiritual e indica, simultaneamente, a dimensão integral do seu programa educativo, que pretende fazer crescer o homem de bem (FEP, n.7).



SIGLAS E BIBLIOGRAFIA

Os textos de Calasanz podem-se encontrar completos e no seu contexto nas seguintes obras:

- BC** C. Bau. Biografía crítica de S. José de Calasanz. Madrid 1949
- CC** Constituciones de S. José de Calasanz, em J.M.Lesaga e outros “Documentos fundacionais das Escolas Pias”. Salamanca 1979, pp. 21-156
- DC** D. Cueva. Mensaje espiritual y pedagógico, Madrid 1973
- EP** L. Picanyol, Epistolario di S. Giuseppe Calasanzio, vol. I-IX, Roma, 1950-1956
- EV** C. Vilá Palá, Epistolario di S. Giuseppe Calasanzio, vol. X. Roma, 1988
- FEP** Congregación General, La Fraternidad de las Escuelas Pías, Salamanca, 1988
- GD** A. García Durán. Itinerario espiritual de S.José de Calasanz de 1592 a 1622. Barcelona 1967
- MRE** M. Rodríguez Espejo, En cualquier frontera: Calasanz. Madrid 1988
- SG** S. Giner, S. José de Calasanz. Maestro y Fundador. BAC maior n.41, Madrid 1992
- SJC** Gy. Sántha, S. José de Calasanz. Obra pedagógica. BAC n. 159, Madrid 1984
- SL** S. López. Documentos de S. José de Calasanz, Bogotá 1988
- Tonti** Memorial al cardenal M.A.Tonti, em J.M.Lesaga y otros. “Documentos fundacionales de las Escuelas Pias”, Salamanca 1079, pp.177-193
- VB** V.Berro, Annotazioni (a cura del P. O.Tosti) Roma 1988
- JL** J.Lecea. Declaraciones de S. José de Calasanz a las Constituciones primeras de las Escuelas Pias. Analecta Calasanctiana 50 (1983) 561-631

Uma bibliografia completa sobre o tema pode ver-se em Bibliografia calasancia. Analecta Calasanctiana n.73 (1995), apartados E, F

Bibliografia fundamental empregada nessa síntese:

- Capítulo Geral Especial das Escolas Pias, Declaración sobre la espiritualidad calasancia. Notas. Roma 1969
- Capítulo Geral Especial das Escolas Pias. Declaración sobre el carisma calasancio, em Declaraciones y Decretos, Madrid 1970, pp. 20-79
- AA.VV. Seminario de Espiritualidad Calasancia, Analecta Calasanctiana n.63 (1990)
- AA.VV. Seminario de Pedagogia Calasancia, Analecta Calasanctiana n. 65 (1991)

QUESTIONÁRIO PARA REFLETIR SOBRE O TEXTO

- **Experiência Pedagógica.**

“Escreveu mais tarde nas suas Constituições que a finalidade que pretende nossa Congregação por meio do exercício das Escolas Pias é a educação dos meninos, tanto na piedade cristã quanto nas letras humanas, para conseguir assim a reforma da sociedade cristã e a felicidade temporal e eterna das pessoas”.

Naquela época, o centro da educação era a manutenção da sociedade como ela era, feudal e assimétrica, assim como de uma igreja revestida de poder e de glórias humanas. Calasanz situa o foco principal na pessoa das crianças e jovens, a partir de uma visão de educação integral, que contempla as diversas dimensões da pessoa. Qual é a importância dessa visão e prática na educação atual? Nossa escola assume essa visão e prática? Como poderia melhorar?

- **“Com suas próprias palavras.**

Calasanz organizou o Ensino Fundamental de nove anos, com objetivos, metas e critérios; criou o método preventivo, superando o punitivo; integrou as dimensões acadêmica e espiritual; convidou os educadores a incorporar os melhores métodos e inovações para formar os alunos; preparou a emancipação das classes populares para que, por meio da educação, fossem sujeito da história.

Poderia se afirmar que Calasanz é um educador moderno? Em que sentido? Nossa escola segue essas intuições de Calasanz? Como poderia melhorar?

- **O aluno.**

Calasanz tinha uma visão sistêmica da educação, pois entendia que crianças, jovens e adultos são sujeito participativo do processo, cada um deles a partir de uma perspectiva própria. Aceitava na escola alunos de religiões e raças diversas. Escolhia criteriosamente os educadores, de acordo com a preparação profissional e também as atitudes e estilo de vida (o ser da pessoa, o saber e o saber educar). Oferecia aos educadores (cooperadores da verdade) formação inicial e permanente. A espiritualidade faz parte importante do educador, o amor a Deus e ao próximo (caridade pedagógica do educador que impulsiona o cuidado e a paciência em relação ao aluno, acolhido como se recebe ao próprio Cristo).

Por que é importante, também hoje, que os alunos, famílias e educadores atuem interagindo mutuamente no processo educativo? Como acontece isso em nossa escola? Como poderia melhorar?

- **Diferentes educadores.**

Para Calasanz, todas as pessoas que trabalham na escola são educadores e tem a sua importância no processo educativo dos alunos; todos precisam ser ouvidos, embora, a pessoa do professor seja a mais importante. A catequese (dimensão espiritual) não pode faltar na escola de Calasanz; o processo de formação continuada da fé merece atenção especial da parte dele, assim como a oração contínua e a participação nos sacramentos. O diagnóstico inicial da situação de cada criança, a proposta pedagógica que melhor convém a cada aluno,

a avaliação continuada dos processos pedagógicos são elementos incorporados por Calasanz, visando a qualidade humana, acadêmica e espiritual.

Será que o espírito calasanciano está presente em nossa escola? A qualidade é importante para Calasanz e para nós? E a dimensão espiritual? Como poderia melhorar?

- Pais de alunos.

A relação entre a escola e a família era essencial para o sucesso educativo do aluno, segundo Calasanz. Junto com a família, cuidava muito do ambiente espiritual, pois, integrado à proposta acadêmica de qualidade, contribuiu para a finalidade principal: “se desde o início a criança for educada na piedade e nas letras, é de se esperar que seja feliz agora e no decorrer da vida”.

No meio a uma cultura consumista que valoriza o ter por cima do ser, a inspiração de Calasanz faz sentido no mundo atual? É necessária hoje a integração das dimensões acadêmica e espiritual para educar preparando para a vida pós-moderna? Nossa escola atua nesse sentido? Como poderia melhorar?

- Letras.

Calasanz percebeu a importância da escola, na sua dimensão acadêmica, para a formação das pessoas, especialmente dos pobres, para que possam ser sujeitos da história pessoal e social. Adotou a língua materna como veicular no Ensino Fundamental. Preparava os alunos na Língua Latina, que era a veicular na universidade. Preocupou-se com o ensino das matemáticas, da leitura e da escrita, das artes, da educação física e do pensamento. Queria que os alunos tivessem uma formação acadêmica consistente, para que encontrassem as portas do futuro abertas.

Nossa escola cuida da dimensão acadêmica, em coerência com a pedagogia moderna? Por que isso é importante para os nossos alunos? Como poderia melhorar?

- Método.

Calasanz criou o Ensino Fundamental de nove anos e distribuiu os objetivos e conteúdos por séries; ele organizou a escola Elementar. Insistia com os educadores em que procurassem a metodologia mais simples e eficaz, visando sempre o aprendizado do aluno. Incorporou as provas de diagnóstico quando um aluno entrava na escola, para conhecer as fortalezas e fragilidades acadêmicas. Criou o sistema avaliativo para acompanhar o processo pedagógico de cada aluno. O objetivo era oferecer ao aluno um caminho seguro e tranquilo para alcançar as metas que possibilitassem o acesso à universidade ou a um emprego digno.

Nossa escola cuida também do sistema avaliativo (diagnóstico, pesquisas e provas) dos alunos e educadores? Preocupa-se em oferecer um processo progressivo que cuida, simultaneamente, de cada série e da passagem de uma para outra? Como poderia melhorar?

- Traços de uma pedagogia.

A partir da própria experiência vital (“encontrei em Roma a melhor forma de servir a Deus fazendo o bem a estas crianças e não a deixarei por nada deste mundo”), Calasanz entende a educação não só como uma profissão, mas, principalmente, como uma vocação,

um serviço que requer uma entrega pessoal de oferecer o melhor de si mesmo em favor do próximo. O centro da escola não é nem a sociedade nem a igreja, mas a pessoa do aluno, o bem dele. Como consequência de uma educação para todos surgirá uma nova sociedade, caracterizada pela harmonia e igualdade nas relações, na justiça e na paz.

Nossa escola trabalha também nesse sentido que Calasanz trabalhou? É importante que o educador seja, além de um bom profissional, alguém que abraça uma missão por vocação? Como poderia melhorar?



ESCOLÁPIOS - BRASIL





Rua Israel Pinheiro, 2144 - Centro - Governador Valadares - MG - CEP:35010-130
tel.(33) 3212-5050 / fax. (33) 3212-5075
www.colegioibituruna.com.br